

# Luís de Camões: o futuro do passado

Como noticiamos na última edição, foi lançado o nº 28 da *CAMÕES*, Revista de Letras e Culturas Lusófonas, comissariada por Helder Macedo e Margarida Calafate Ribeiro, e por ambos apresentada em sessão na Torre de Tombo. Dado o muito interesse e qualidade deste nº da revista, no ano em que se celebram os 500 anos do nascimento do poeta, publicamos o essencial daquela apresentação feita pela titular da cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

■ Nesta edição da revista *Camões* reinem-se textos do Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros e de Estado, dr. Paulo Rangel, e da data presidente do Instituto Camões, dr<sup>a</sup> Ana Fernandes, a apresentação dos comissários, dois trabalhos visuais do artista japonês Jun Shirasu e do escritor angolano, José Luandino Vieira, e 14 ensaios, pontuados pelas imagens de André Carrilho, que aliás dá capa à revista. As contribuições pictóricas que integram este volume devem ser também elas entendidas como leituras da obra camoniana, e como tal foram organizadas.

Dos textos institucionais retêmamos duas palavras: a primeira do senhor ministro, que analisando o uso camoniano da língua portuguesa vai falar de uma "revolução" estabelecendo mesmo uma língua portuguesa antes e depois de Camões; e da dr<sup>a</sup> Ana Fernandes que declara: Camões anuncia sempre "o começo de uma era nova (...) Camões é liberdade de alcançar, é liberdade em sonhar novos mundos e objetivos, é liberdade para realizar." (p. 3).

Portanto, duas palavras: Revolução e Liberdade, duas palavras tão ouvidas ao longo deste ano em que comemoramos os 500 anos do 25 de Abril de 1974 e os 500 Anos do Nascimento de Luís Vaz de Camões. Ambos os momentos, embora muito distintos estão ligados pelo espírito de revolução, liberdade, mudança.

O ensaio visual "A Viagem da Camélia" de Jun Shirasu, prof. na Escola Municipal de Artes de Toquio abre o volume. E como é que este artista se relaciona com Portugal e com o seu livro maior?

Em 1993, Jun Shirasu frequentava a Slade School of Fine Arts em Londres, onde foi aluno de Bartolomeu Cid dos Santos. Entre 2004 e 2005 foi bolseiro da Fundação Oriente, tendo trabalhado em Portugal com o seu professor e em 2016 regressa a Portugal e convide da Galeria Ratton para uma residência artística de que resultou o projeto "A Viagem da Camélia", um mural em azulejo que representa a vinda da camélia (ou japoneira) do Japão para Portugal tocando os pontos geográficos da viagem de Vasco da Gama, narrada por Camões, em *Os Lusíadas*, mas no sentido inverso, ou seja, do Oriente para o Ocidente.

Na seleção de painéis escolhidos podemos ver a partida da camélia da baía de Nagasaki, passando por Macau, Mekong, Goa, Calcutte, Ilha de Moçambique, Cabo da Boa

Esperança até chegar à Casa de Campo Belo, em Vila Nova de Gaia. O mural na sua totalidade pode ser visto na praça da Câmara de Vila Nova de Gaia.

**É COM ESTA GEOPOLÍTICA EM MENTE** que se estabelece a apresentação do poema ao longo da revista a partir de leituras marcadas pela interdisciplinaridade, pela inovação e pelo desafio que ao longo do tempo este poema lançou a poetas, escritores, pintores, historiadores, músicos ou políticos.

Em "Tripla Ilusão na leitura de *Os Lusíadas*: Vasco da Gama não é Eneias, D. Sebastião não é Augusto, e até as viagens diferem", Carlos Ascenso André desafia-nos a analisar o modo como Camões transformou os modelos clássicos de que deriva seja na mudança de perspectiva do espaço do mundo do Ocidente ao encontro do Oriente, seja na relação do poeta e do texto com o tempo.

"Para uma leitura feminista de *Os Lusíadas*", de Ana Paula Ferreira propõe uma releitura da obra a partir de uma perspectiva feminista atual. Como diz a autora é uma leitura contra o grão do poema, mostrando-nos como *Os Lusíadas* dão conta "de processos conflituosos de resistência manifestados por figuras femininas em relação às normas do género impostas pela ideologia patriarcal que as subordina, tornando-as cúmplices relutantes da expansão." (p. 25).

Inserida na tradição dos estudos camonianos Rita Marnoto, comissária-geral para as comemorações do cinquentenário de Camões, em "Sobre os rios que vão e a coluna vertebral da obra camoniana" analisa um dos mais comentados poemas de Camões, revelando que o acrescentamento provavelmente apócrifo no poema, e que tem sido entendido como comprovativo de uma final submissão do poeta à ortodoxia religiosa, é duvidoso.

Num tempo de pós-verdade e outros descritivos afins Luís Maffei, mostra-nos *Os Lusíadas* como um poema polvilhado de gestos políticos, às vezes inequívocos, outras vezes indiretos, mas acima de tudo de verdadeiros. E quem diz a verdade

de acordo com o poeta pode ser "qualquer um": um rei, com todo o seu poder e saber, ou um soldado, humilde, baixo rude.

Thomas Earle lembra-nos que Sir Richard Fanshawe, poeta e diplomata inglês é hoje recordado, sobretudo em Portugal, como o primeiro tradutor d'*Os Lusíadas* para inglês no século XVII. Mas muito menos conhecida, porém, é a sua tradução de parte da epica para latim com o objetivo de promover um bom ambiente para importantes nego-

ciamentos, como a entrega de Tânger e Bombaim aos ingleses no dote de D. Catarina de Bragança.  
Com Mário Vieira de Carvalho, em "Camões e o destino nacional na música portuguesa: de João Domingos Bomtempo a Emmanuel Nunes" entramos no conhecimento da enorme influência de Camões nas representações musicais em particular em períodos de crise ou mudança nacional. Dois tempos estão em destaque no ensaio: do Vintismo à Primeira República, e um o outro tempo, próximo e que vai desde as vésperas do 25 de Abril até aos primeiros anos da adesão à integração europeia.

imagem do próprio poeta Camões, lançam ao mundo das artes visuais não apenas em Portugal, mas na Europa, desde 1500 até à atualidade. A riqueza visual dos exemplos trazidos fazem deste artigo um álbum de cinco séculos de representações visuais de inspiração camoniana "Um mapa de resistência?", de Simon Park, inicia na revista a viagem de Camões e do seu poema maior para outras paragens não tanto disciplinares, mas geográficas, a partir da cartografia, a "técnica" imperial que o poema extravasa. Na leitura do ensaísta estes mapas são também lugares de resistência daqueles que na história do Ocidente ficaram registados como "os outros", atitude que por sua vez dialoga com as múltiplas críticas e dúvidas emitidas pelo poeta ao longo do poema.

"Camões, português, goês e cosmopolita", de Delfim Correia da Silva, traz-nos Camões poeta, homem, soldado, habitante de Goa em contínuo confronto e diálogo com o diferente e com o Oriente em particular. Camões, ao longo do poema ao mesmo tempo que mostra a sua imensa cultura clássica, mostra também o seu profundo conhecimento moderno da história e da geografia indianas, das tradições e rituais muçulmanos, dos seus saberes e dos seus conhecimentos. Certamente, por isso hoje,

a Índia pós-colonial interroga-o, reclama-o e reconhece-o como essencial ao seu próprio entendimento.

O que acabamos de sugerir está magnificamente tratado por Luíz Felipe Thomaz, em "Uma lenda malabar n' *Os Lusíadas*" transmitida no canto VII do poema, em que Camões coloca na boca do moiro tunisino Moncaide, uma descrição do país a que este acabava de chegar e dos costumes dos seus habitantes.

"Camões na China hoje", de Xu Yixing, realça a importância do poeta e da edição da antologia poética de Camões como um marco significativo no intercâmbio cultural entre Portugal e a China.

Com Ettore Finazzi-Agrò em "O Brasil como profecia. Camões na terra de Santa Cruz", inauguramos a reflexão por vários ensaístas sobre a receção e recombinação criativa da

obra de Camões a partir da perspectiva geopolítica de outras nações e outras culturas, nomeadamente a brasileira e as africanas, tanto em língua portuguesa como noutras línguas. No referido texto assistimos à transfiguração do poema em terras brasileiras em que, por exemplo, o mar camoniano se transfigura no sertão brasileiro pelo génio literário de Guimarães Rosa.

"Metamorfozes de Camões na costa austral do Índico", de Fátima Mendonça, situa-nos na contemporaneidade das literaturas africanas do Índico que dialogam com Camões, como é o caso da literatura sul-africana, mas também e obviamente com a literatura moçambicana.

Nesta linha segue Inocência Mata em "Mares de palavras: Camões e a diáspora poética em África", analisando as teias intertextuais e geopolíticas de Camões nas literaturas africanas em português. Se no caso de Moçambique considera a Ilha de Moçambique e Camões como "símbolos fundamentais do imaginário literário de Moçambique", do lado do Atlântico é na poesia de José Luís Tavares que a ensaísta concentra sua atenção.

A revista termina com um ensaio visual, do escritor e nacionalista angolano José Luandino Vieira, que nos tempos sombrios da ditadura e das lutas pela independência do seu país evocava de memória os versos camonianos que o inspiravam a resistir no espaço duro do Campo do Chão Bom, Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneceu oito anos. Foi do Tarrafal que saiu grande parte da sua obra literária, uma obra que revolucionou pela forma, pela língua e pelos temas as literaturas de língua portuguesa. No Tarrafal realizou o projeto de retratos de "Camões com um K".

Nos 500 anos do 25 de Abril de 1974 Luandino Vieira traz Camões para a contemporaneidade pós-imperial. Regressa ao seu soneto "Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades", para nos falar deste novo tempo, onde se inscrevem as duas palavras que foram objeto de destaque nos discursos institucionais que abrem esta revista dedicada a Camões e que o descreviam como poeta do seu tempo e do nosso tempo: revolução e liberdade, palavras que representam conquistas sempre inacabadas como o entendimento da obra de Camões é, e continuará a ser: um projeto inacabado, abrindo para o futuro. ■



Ilustração de André Carrilho